



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CAMPUS CAMPINA GRANDE  
CENTRO CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS  
CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL – HABILITAÇÃO EM JORNALISMO

**FÁBIO SIEBRA CLEMENTINO**

**ATIVISMO DAS BEE: O YOUTUBE EM PROL DO CIBERATIVISMO LGBT**

**CAMPINA GRANDE - PB  
2017**

**FÁBIO SIEBRA CLEMENTINO**

**ATIVISMO DAS BEE: O YOUTUBE EM PROL DO CIBERATIVISMO LGBT**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Comunicação Social com habilitação em Jornalismo da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito para a obtenção do título de Bacharel em Comunicação Social.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Ms. Verônica A. Oliveira Lima

**CAMPINA GRANDE  
2017**

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

C626a Clementino, Fábio Siebra

Ativismo das bee [manuscrito] : o youtube em prol do ciberativismo LGBT / Fábio Siebra Clementino. - 2017.  
24 p. : il. color.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Comunicação Social) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Sociais Aplicadas, 2017.

"Orientação: Profa. Ma. Verônica Almeida de Oliveira Lima, Departamento de Comunicação social".

1. Ativismo LGBT. 2. Canal das Bee. 3. Youtube. 4.  
Representatividade de gênero. I. Título.

21. ed. CDD 305.5

FÁBIO SIEBRA CLEMENTINO

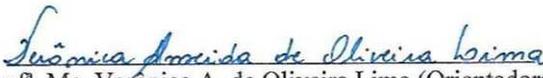
ATIVISMO DAS BEE: O YOUTUBE EM PROL DO CIBERATIVISMO LGBT

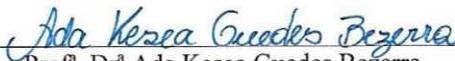
Trabalho de Conclusão de Curso, na modalidade artigo científico, apresentado ao Curso de Comunicação Social com habilitação em Jornalismo da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito para a obtenção do título de Bacharel em Comunicação Social.

Área de concentração: Estudos Culturais

Aprovada em: 09/08/2017.

BANCA EXAMINADORA

  
Prof.<sup>a</sup>. Me. Verônica A. de Oliveira Lima (Orientadora)  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

  
Prof.<sup>a</sup>. Dr.<sup>a</sup> Ada Kesea Guedes Bezerra  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

  
Prof.<sup>a</sup>. Dr.<sup>a</sup> Robéria Nádia Araújo Nascimento  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

## AGRADECIMENTOS

A meus pais por ter me apoiado nessa jornada de mudanças, mudar para um novo Estado, outra cidade e por acreditar em mim.

A minha família no geral, e em especial à minhas irmãs Quelma e Francisca e meu irmão Flávio pelo apoio não somente moral, mas também financeiro;

A minha amiga Dayane Trindade por ser uma das primeiras a me apoiar nesta minha pesquisa;

Aos meus colegas e professores do curso de Comunicação Social da Universidade Estadual da Paraíba, do período 2013.1 manhã, em especial, Ana Carolina e Bruna Gomes pela parceria neste mais de 4 anos de universidade, vocês foram muito importante nessa minha trajetória de formação como jornalista. A gente vivenciou grandes momentos pelas ruas dessa cidade, entendendo de fato como funciona a rotina de um repórter. Mas a parceria não se restringiu ao território acadêmico, nos estágios, nos cursos extra-curriculares e no lazer. A nossa amizade prevaleceu sempre com parceria e um torcendo pelo outro; Fato que se estende também aos colegas e amigos Thaise Ariadne e Rafael Galdino.

A Sérgio pela compreensão e o apoio durante esse momento de conclusão de curso que foi muito importante para se chegar até aqui.

A minha orientadora a prof<sup>a</sup> Verônica Oliveira, por ter aceitado ser minha orientadora, por acolher um tema que precisa ser mais explorado na academia, e que, com sua sabedoria e paciência me norteou para a conclusão deste trabalho;

A banca examinadora, a professora Ada Guedes e em especial Robéria Nádia por ter feito parte desse trabalho quando ele ainda era um embrião ainda na disciplina de Pesquisa em Comunicação;

A todos e todas que se dedica em prol da coletividade, que põem a cara no sol, dão cara a tapa e principalmente voz para que a luta pela diversidade e a igualdade seja de gênero, raça em um mundo com mecanismo opressores e possam unir forças para um ativismo.

## SUMÁRIO

|  |    |
|--|----|
| 1. INTRODUÇÃO  | 08 |
| 2. O SURGIMENTO DO MOVIMENTO LGBT E A SUA PERCEPÇÃO<br>MIDIÁTICA | 09 |
| 3. A CONTRIBUIÇÃO DO YOUTUBE PARA O CIBERATIVISMO LGBT           | 14 |
| 4. O CIBERATIVISMO DO CANAL DAS BEE                              | 17 |
| 4.1. A CAMPANHA BEE AJUDA  | 20 |
| 4.2. O RESULTADO DA CAMPANHA                                     | 23 |
| 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS  | 24 |
| 6. REFERÊNCIAS   | 25 |

## Ativismo das Bee: o Youtube em prol do ciberativismo LGBT

Fábio Siebra Clementino<sup>1</sup>  
Verônica A. de Oliveira Lima<sup>2</sup>

### Resumo

A representação LGBT no Youtube é uma crescente, dentro desse nicho o Canal das Bee é uma referência em termos de ativismo. O objetivo deste artigo visa analisar as contribuições da campanha “Bee Ajuda” para o fortalecimento de ações afirmativas em prol do ciberativismo em tal plataforma de vídeos, baseando-se no conceito defendido por Cotta (2014), como sendo aquele em que os movimentos politicamente motivados tem a “finalidade de lutar contra as injustiças, ideais reacionários e conservadorismo que são levados para a rede.” Para isso, foi utilizado a pesquisa qualitativa através do método da netnografia, onde buscou-se mostrar como se deu a dinâmica dos vídeos no Canal e como eles colaboraram para a mobilização em prol da causa LGBT. Observamos que o ativismo das Bee vem contribuindo para o fortalecimento da militância na Internet e que tal influência colabora para o sucesso de suas campanhas.

**Palavras-Chave:** Ativismo LGBT, Canal das Bee, Youtube, Representatividade de gênero

### Abstract

The LGBT representation on Youtube is a constant crescent, within that context the Bee Channel is a reference in terms of activism. The goal of this article is to analyse the contributions of the “Bee Ajuda” (Bee Help) campaign to strengthen affirmative actions in favor of cyberactivism in on such video platform, based on the concept defended by Cotta (2014), as the one that politically motivated movements have the “purpose of fighting against the injustices, reactionary ideals and conservatism that are brought to the web.” To do so, the qualitative research was used through the netnography method, where we attempted to show how the dynamics of the videos in the Channel occurs and how they collaborated to mobilize for the LGBT cause. We noticed that Bee activism has been contributing to the strengthening of Internet militancy and that such influence has contributed to the success of its campaigns.

**Key Words:** LGBT Activism, Bee Channel, Youtube, Gender representativeness

---

<sup>1</sup> Graduando em Comunicação Social, habilitação em Jornalismo, pela Universidade Estadual da Paraíba – Campus I. Email: ofabiosiebra@gmail.com

<sup>2</sup> Orientadora. Mestre em Sociologia pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Professora da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) no Departamento de Comunicação Social. E-mail: professoraveronica1@gmail.com

## 1. INTRODUÇÃO

Falar sobre sexualidade em pleno século XXI, ainda é tabu. Falar em homossexualidade mais ainda. Por mais que as sociedades tenham avançado e reconhecido os direitos civis das pessoas LGBTs, ainda é possível perceber resistência por parte de alguns grupos conservadores na aceitação da homossexualidade.

Segundo levantamento<sup>3</sup> publicado no ano de 2016 pela Associação Internacional de Lésbicas, Gays, Bissexuais e Transgêneros (ILGA), constatou-se que existe hoje no mundo 86 países que criminalizam os homossexuais. Nestes países, os grupos gays são punidos com a prisão ou até mesmo com a pena de morte.

O ativismo produz um importante efeito para que a mudança seja possível, através dele se pode unir forças e pôr em debate assuntos que ainda são considerados tabus pela sociedade. Este estudo evidencia que ainda se precisa fazer muito para que esse quadro seja revertido, e daí se percebe o quão é importante o trabalho de militância.

A internet vem capilarizando forças e se torna, dia após dia, uma importante ferramenta que pode vir a contribuir a favor da causa LGBT, e o Youtube tem uma importante parcela no apoio a esse novo ativismo que surge nas redes. Entre os canais LGBTs existentes, temos o Canal das Bee<sup>4</sup>, como um dos que mais se destaca dentre os demais relacionados com o tema. No ano de 2016, o canal realizou uma campanha de financiamento coletivo<sup>5</sup> chamado “Bee Ajuda” que bateu recorde de arrecadação.

O Youtube contribui para a existência desses espaços de ativismo e militância, a partir do momento em que qualquer pessoa pode ligar uma câmera, dizer o que pensa e depois “subir” o vídeo para que qualquer pessoa no mundo tenha acesso. Se você será visto ou não, vai depender de vários fatores, dentre eles se o seu conteúdo é relevante e se o seu conteúdo vai cativar o público.

---

<sup>3</sup> O Relatório completo pode ser conferido no seguinte link:

[http://ilga.org/downloads/02\\_ILGA\\_State\\_Sponsored\\_Homophobia\\_2016\\_ENG\\_WEB\\_150516.pdf](http://ilga.org/downloads/02_ILGA_State_Sponsored_Homophobia_2016_ENG_WEB_150516.pdf)

<sup>4</sup> <https://www.youtube.com/user/CanalDasBee>

<sup>5</sup> Financiamento coletivo é uma espécie de vaquinha virtual onde o criador da campanha apresenta a sua ideia e em troca de doações oferecem recompensas.

Como metodologia se utilizou a pesquisa qualitativa através do método da netnografia<sup>6</sup> para mostrar como se deu a campanha “Bee Ajuda”. Nela descrevemos o conteúdo dos seis vídeos mostrando a proposta de cada um deles, usando como base o conceito descrito por Cotta (2014) de ciberativismo.

A opção por essa pesquisa se deu pelo teor empírico que esse trabalho se propõe, utilizando assim, a netnografia como método, pois foi o que se mostrou mais adequado, uma vez que a pesquisa parte da análise das relações que ocorre no ciberespaço estabelecidos dentro de um determinado grupo.

E ainda, foi levado em conta a questão de se abordar o ativismo no Youtube e em especial o que é feito pelo canal das Bee que apresenta elementos que carece ainda de mais estudo, com uma abordagem que estude a sexualidade de mídia e de como o movimento LGBT vem buscando caminhos alternativos para a sua militância nos novos meios de comunicação. Nos parâmetros desse trabalho buscamos analisar o tema com pesquisas bibliográficas que contribuíram para toda a construção da análise.

## **2. O surgimento do movimento LGBT e a sua percepção midiática**

A Luta dos Gays, das Lésbicas, das Travestis por visibilidade e direitos civis não vêm de hoje, mas a sua organização política, ganhou força durante o episódio que ficou conhecido como a Revolta de Stonewall. Localizado em Greenwich Village, em Nova York, o bar Stonewall era um dos pontos de encontro da comunidade LGBT dos anos 60.

Stonewall é reconhecido como o evento catalizador dos modernos movimentos em defesa dos direitos civis de LGBTs. O acontecimento foi um marco por ter sido a primeira vez que um grande número de LGBTs se uniu para resistir aos maus tratos da polícia e é hoje considerado como o evento que deu origem aos movimentos de celebração do orgulho gay. (COTTA, 2009, p.09)

Essa revolta que aconteceu na noite do dia 28 de junho de 1969, marcou o início das lutas de resistência e reivindicações em prol dos direitos civis. Um passo importante para o ativismo político LGBT. “Stonewall significou a irrupção do movimento de defesa dos direitos dos homossexuais nos Estados Unidos e, posteriormente, no mundo”, segundo Péret (2011, p.31)

---

<sup>6</sup> A netnografia é um método de pesquisa inspirado na etnografia, o que os diferenciam é o ambiente trabalho, enquanto a etnografia é mais presencial a netnografia é virtual.

Na década de 60, frente a onda conservadora que o mundo estava vivenciando, o movimento de contracultura empolgado principalmente pela revolta de maio de 1968, tinha uma juventude engajada em lutar por direitos da minoria. Aqui no Brasil, no período da ditadura militar existia diversos movimentos políticos-ideológicos, dentre eles a imprensa alternativa e, dentro desse segmento, existia os impressos ligados à causa gay.

Os meios de comunicação são importantes ferramentas de ativismo ideológico. Dentre o que se destacou durante este período foi o Lampião da Esquina. Formado por jornalistas e intelectuais homossexuais. O jornal surgiu em 1978 e tinha a finalidade de abrir espaço para a comunidade gay da época.

No editorial da edição de número zero do Lampião da Esquina, intitulada “Saindo do Gueto” os editores defendem que o espaço no jornal seja para “destruir a imagem padrão do homossexual como alguém que deva viver nas sombras.” (LAMPPIÃO, 1978).

Na mesma edição, tinha como uma de suas manchetes “Celso Curi processado. Mas qual o crime deste rapaz?”(LAMPPIÃO, 1978). Celso Curi era jornalista do jornal Última Hora e possuía uma coluna, a Coluna do Meio, que falava sobre a vida gay na cidade de São Paulo, abordando principalmente comportamento e cultura gay.

Na reportagem feita pelo Jornal Lampião, questionava-se o que de errado ele tinha feito para estar sendo processado. Na matéria, o jornal dizia que “o colunista mais lido do Última Hora de São Paulo, responsável pelo aumento das vendas do jornal, foi demitido em novembro de 1977 sob o pretexto de “contenção de despesas”.

A demissão, na verdade, era apenas mais uma etapa na campanha contra o jornalista que ousou para transformar em assunto diário um tema até então tabu: o homossexualismo. Por causa disso ele também foi incurso no Art. 17 da lei de Imprensa – “ofender a moral e os bons costumes” – e, processado, poderá ser condenado a um ano de prisão. (LAMPPIÃO, 1978, p.06)

No dia 9 de fevereiro de 1967, o presidente Castelo Branco sancionou a Lei de Imprensa, que restringia a liberdade de expressão no Brasil. Com a entrada em vigor desta lei, pelas novas regras, todos os programas exibidos na televisão deveriam apresentar na tela, antes do início, uma autorização rubricada pelos censores. Em caso de vigência do estado de sítio, o governo iria enviar agentes às redações de jornais, rádios e TV para fazer a censura prévia. Em 2009, o Superior Tribunal de Justiça revogou a Lei de Imprensa.<sup>7</sup>

---

<sup>7</sup> A notícia foi publicada no site do STF e pode ser conferida através do link: <http://www.stf.jus.br/cms/vernoticia detalhe.asp?idconteudo=107402>

Anos depois, o jornalista Celso Curi deu uma entrevista a jornalista Flávia Péret, na qual podemos conferir no livro *Imprensa Gay no Brasil*:

Quando eu digo social, é no sentido de agregar pessoas excluídas. Na época, se falava em homossexuais e estes se viam como doentes. A coluna tinha esse desafio, promover um humor gay, que é muito forte, mas não podia ser publicado, e também tinha a função de dizer: “Não, nós não somos anormais. Se você está se achando um anormal, está enganado, pois tem um monte de gente que está saindo, indo às boates, namorando, encontrando pessoas e sendo feliz, apesar da ditadura militar. (PÉRET, 2012,p.40)

Rotulados de anormais e até mesmo aberrações, a comunidade LGBT sempre foi vista de forma excludente e marginalizada, formando diversos guetos. A integração à sociedade é importante para a visão de pertencimento do mundo. Em 1985, isso começa a mudar quando o Conselho Federal de Psicologia<sup>8</sup> não classifica mais a homossexualidade como um desvio sexual.

Mas foi em 17 de maio de 1990, que a Organização Mundial de Saúde retirou a homossexualidade da lista de doenças mentais do Código Internacional de Doenças, excluindo o sufixo “ismo”. Esta data é simbólica e por isso neste dia é comemorado o Dia Internacional de Combate a Homofobia. No Brasil, o ex-presidente Luis Inácio Lula da Silva, instituiu, por meio de decreto, o dia 04 de junho como sendo o dia Nacional de Combate à Homofobia.

Atualmente, os meios de comunicação hegemônicos ainda abrem pouco espaço para a comunidade. As novelas brasileiras, que é o produto de maior consumo de entretenimento pelos brasileiros, ganham cada vez mais personagens LGBTs, no entanto, nelas as personagens gays aparecem, na maioria das vezes, pela lógica mercadológica de que o gay é branco, submisso e cheio de trejeitos, reforçando ainda mais o estereótipo que Pereira (2002) define como sendo:

Artefatos humanos socialmente construídos, transmitidos de geração em geração, não apenas através de contatos diretos entre os diversos agentes sociais, mas também criados e reforçados pelos meios de comunicação, que são capazes de alterar as impressões sobre grupos em vários sentidos. [...]. Uma vez formados, os estereótipos são transmitidos por um conjunto bastante amplo de canais de transmissão, alguns destes canais referem-se a elementos mais amplos da sociedade, tais como os políticos, sociais, os culturais e os educacionais (PEREIRA, 2002, p.157-158).

---

<sup>8</sup> A informação pode ser lida através do site: <http://site.cfp.org.br/nota-do-conselho-nacional-lgbt/>

Em alguns programas humorísticos também há personagens que reforçam a construção social feita por parte da sociedade, aumentando a visão do estereótipo gay. A mídia tem grande importância na nossa sociedade pelo poder de influência que exerce. O conservadorismo ainda é muito forte no Brasil, e isso se reflete em nossos meios de comunicação, mas nos últimos anos, tivemos avanços.

A temática gay e toda a discussão acerca da diversidade sexual está cada vez mais presente. A telenovela, o produto mais assistido da nossa televisão tem o maior alcance, levanta diversas discussões e traz ao debate as lutas dos LGBTs. Temáticas que são vistas como tabus, a nossa teledramaturgia chama para o debate a sociedade brasileira.

Um marco histórico na teledramaturgia brasileira foi a novela “Amor a vida”. A trama escrita por Waleyr Carrasco, apresenta o vilão Félix, no papel da “bicha má”, enrustido, mas com trejeitos, que vive uma vida dupla, é casado, mas sai com garotos de programas, além de possuir todos os traços caricatos de um vilão.

Félix, interpretado pelo ator Mateus Solano, conhece Niko, que foi vivido pelo ator Thiago Fragoso, e desse encontro, uma improvável história de amor é construída e, a partir de então, acontece uma reviravolta na vida do vilão: antes levava uma vida “no armário”, cheio de ódio e amargurado, agora com a presença angelical de Niko, tem a oportunidade de ser ele mesmo.

A cena do “beijo gay”, mais aguardada da TV brasileira, a primeira depois de muitas outras tentativas fracassadas, foi ao ar no capítulo final da novela Amor à Vida, no dia 31 de janeiro de 2014. Neste dia, a novela obteve, segundo dados do IBOPE, 44 pontos de audiência e share 71%, que é a participação total de telespectador que estão com a TV ligada no momento da medição. Apesar da campanha por boicote a atração<sup>9</sup> por alguns grupos religiosos conservadores, a novela se saiu muito bem para um final de capítulo.

Essa novela foi um oásis diante do cenário que vemos todos os dias nos meios de comunicação, utilizando do sensacionalismo e da espetacularização da notícia e do entretenimento. Boa parte da imprensa trata de forma desrespeitosa a comunidade LGBT. Diante disso, foi desenvolvida uma cartilha<sup>10</sup> direcionada aos jornalistas pela Associação

---

<sup>9</sup> A matéria “Campanha pede boicote à Globo e à primeira cena de sexo entre homens” do Diário de Pernambuco, repercutiu a tentativa por parte de alguns grupos contrários a atração. Disponível em: <[http://www.diariodepernambuco.com.br/app/noticia/divertase/46,51,46,61/2016/07/05/internas\\_viver,653573/campanha-pede-boicote-a-globo-e-a-primeira-cena-de-sexo-entre-homens.shtml](http://www.diariodepernambuco.com.br/app/noticia/divertase/46,51,46,61/2016/07/05/internas_viver,653573/campanha-pede-boicote-a-globo-e-a-primeira-cena-de-sexo-entre-homens.shtml)>. Acesso em 21 de jul de 2017.

<sup>10</sup> A cartilha pode ser conferida no seguinte link: <http://www.abgl.org.br/docs/ManualdeComunicacaoLGBT.pdf>

Brasileira de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais (ABLGBTT) para esclarecer o significado de siglas e de alguns termos para ajudar aos jornalistas na construção de suas matérias.

O filósofo e pesquisador Michel Foucault (2013), que escreveu vários livros e ensaios, relata no livro *A história da sexualidade*, a vontade de saber, como essas relações de poder interferem no sexo. No espaço familiar, escolar, na igreja e na vida em sociedade, em cada um desses espaços há a predominância do poder.

A sexualidade está ligada a dispositivos recentes de poder, esteve em expansão crescente a partir do século XVII; a articulação que a tem sustentado, desde então, não se ordena em função da reprodução; esta articulação, desde a origem, vinculou-se a uma intensificação do corpo, à sua valorização como objeto de saber e como elemento nas relações de poder. (FOUCAULT, 2013, p.118)

Com isso, podemos afirmar que as relações de poder vão moldar o nosso comportamento e isso interfere diretamente em nossa sexualidade. A mídia como parte integrante nesse processo de controle de poder, também é responsável por propagar a ideia de que a homossexualidade é algo ruim.

A mídia brasileira ainda se dirige aos LGBTs de forma pejorativa e sensacionalista, visto que, nos jornais brasileiros ainda é usual o uso da manchete: “homossexual é morto à tiros” ou “Travesti é morto à pauladas”. A homofobia é uma realidade, e a construção do texto jornalístico empregando o termo homossexual ou travesti de forma pejorativa acaba por induzir a marginalização ainda mais das minorias. Por isso, iniciativas como a da ABLGBTT contribuem para a construção de uma narrativa jornalística mais humanizada, o que colabora com os processos de educação promovidos pelo ativismo.

Em 2016, na TV Brasil, que é uma TV pública, surgiu o primeiro programa em TV aberta comandado por um gay, uma lésbica e uma transsexual, o programa leva ao ar entrevistas e debates sobre a temática LGBT e cotidiano, e é apresentado pelo jornalista Fernando Oliveira, mais conhecido por Fefito, que é gay, a cantora Ellen Oléria, lésbica e a cantora da Banda Uó, Mel Gonçalves que é transsexual.

O programa *Estação Plural* leva toda semana um convidado da comunidade ou simpatizante da causa para debater temas atuais. São abordados os mais variados temas, buscando sempre dar visibilidade e representatividade ao público LGBT. A experiência televisiva é uma vitória para os ativistas que lutam diariamente para que os espaços sejam

ocupados por todos. Em contrapartida, a internet se apresenta como um meio para dar voz e criar alternativas a grande imprensa.

### **3. A contribuição do Youtube para o ciberativismo LGBT**

A internet chegou ao Brasil no ano de 1995 através das linhas de fibra óptica da Embratel. De lá pra cá, com a sua popularização e também com o aumento do acesso por parte dos brasileiros a esse novo meio de comunicação, a internet vem ganhando espaço como mídia “mais democrática”. Ela se apresenta como um meio mais aberto para que as pessoas possam se expressar, a partir do momento que qualquer pessoa tem poder de fala, seja através de blogs, pelas redes sociais, fazendo vídeo no Youtube, entre outras possibilidades que a rede oferece. Trata-se de um meio que possibilita o protagonismo do cidadão, visto que, podemos perceber como é forte o engajamento e ativismo através das redes.

Em muitos casos, apenas um celular, conexão à internet, vontade de se expressar e pronto, temos um vlog<sup>11</sup>. A popularidade do Youtube é uma crescente, diante disto, a plataforma de vídeos se torna um grande agregador de conteúdo dos mais diversos possíveis, além de uma importante ferramenta de interação, característica importante para a emergência do ciberativismo.

Os vlogs vem ganhando força dentro da plataforma. Aqui no Brasil, o humorista Piauiense Winderson Nunes é o vlogueiro que detém o maior número de inscritos, com mais de 21 milhões<sup>12</sup> e atinge principalmente o público adolescente e jovem.

Através de seu canal de humor, conquista mais e mais fãs e seus vídeos são vistos por milhões de pessoas, com isso se torna cada dia mais influente, fazendo bastante publicidade e shows mundo afora. Assim como Winderson, há milhares de pessoas “vlogando”, e dentro da plataforma há diversos nichos, cada vez mais segmentados. Canais que são direcionados a esses nichos vem ganhando força e cresce gradativamente.

O ciberativismo defendido por Cotta (2014, p. 04) é aquele em que a internet é utilizado por movimentos políticos motivados por uma causa, tendo a “finalidade de lutar contra as injustiças, ideais reacionários e conservadorismo que são levados para a rede.”

Sendo assim, podemos observar a crescente tomada do espaço das redes, entre eles, o Youtube, por movimentos LGBTs, Movimento Negro, Movimento Feminista,

---

<sup>11</sup> Vlog é a abreviação de videoblog (vídeo + blog). Trata-se de um tipo de blog em que os conteúdos predominantes são os vídeos.

<sup>12</sup> Até o dia 21/07/2017 o canal possuía mais de 21 milhões e meio de inscritos.

enfim, por grupos que historicamente foram marginalizados e ainda são, mas que ainda hoje detém uma porcentagem irrisória na produção de conteúdo nas mídias hegemônicas.

Com isso, a internet, através das redes sociais, por exemplo, com suas postagens de texto e vídeo oferece espaço para que se possa discutir sobre os mais variados assuntos, dentre eles, a temática da homossexualidade e acerca da homofobia, enraizados na cultura machista presente na sociedade brasileira. De acordo com o relatório<sup>13</sup> do Grupo Gay da Bahia (GGB), o Brasil registrou 343 mortes de gays, lésbicas e travestis no ano de 2016.

Um assassinato a cada 25 horas é registrado no país e esses números vêm crescendo ano após ano. Diante dessa triste estatística, se faz necessário uma militância que eduque e que também cobre por seus direitos. A ocupação de todos os espaços se faz necessária, sejam físicos ou mesmo os virtuais. Os canais no Youtube que são direcionados a gays, lésbicas, transexuais e travestis estão em pleno crescimento dentro da plataforma de vídeos, e os vídeos em sua maioria buscam discutir as temáticas da sexualidade de forma simples e bem humorada.

Assim, o Youtube surge como uma importante alternativa para a produção de conteúdos e o segmento LGBT está em alta, seja através de vlogs ou através de produções de séries e miniséries voltadas para esse público. Algumas produções são caseiras e sem edição, e outras mais caprichadas, seguindo *script* e temas que são abordados. Ambos os tipos de conteúdos estão presentes no Youtube. Para isso, Burgess e Green afirmam que:

Para entender a cultura popular do YouTube não basta tentar criar distinções claras entre a produção profissional e amadora, ou entre práticas comerciais e de comunidade. Essas distinções se baseiam mais em lógicas industriais mais familiarizadas com o contexto da mídia de radiodifusão do que na compreensão de como as pessoas usam a mídia em suas vidas cotidianas, ou um conhecimento de como o YouTube realmente funciona como um sistema cultural. É mais útil mudar o pensamento sobre produção, distribuição e consumo de mídia para um pensamento sobre o YouTube como um processo contínuo de participação cultural. (BURGESS; GREEN, 2009: p. 82 - 83)

Antes, as populações que sempre foram marginalizadas não tinham representatividade nos espaços midiáticos, ou eram estereotipadas. Com o advento da internet, e sua popularização, essas mesmas pessoas que não tinham vozes na grande mídia, com uma câmera e internet estão podendo construir seus próprios modelos de comunicação.

---

<sup>13</sup> O relatório pode ser acessado através do link:  
<https://homofobiamata.files.wordpress.com/2017/01/relate3b3rio-2016-ps.pdf>

O Youtube e a popularização dos vlogs torna cada vez mais o público que antes só consumia um produto, em produtor de conteúdo e o principal, faz uso do vídeo para expor e defender ideias e ideais. Portanto, ter espaços de fala dentro da mídia é importante para se fazer existir, pois através desses ambientes, é possível se fortalecer e se reconhecer como sujeito. Por outro lado, quando isso não ocorre, acontece a invisibilidade do ser. No artigo “A rede sai do armário: o ciberativismo do arco-íris” escrito por Cotta, ele salienta que:

Para os ciberativistas, o uso da internet é um meio de “driblar” os meios de comunicação tradicionais, que, na maioria das vezes, não oferecem espaço para que a opinião pública se manifeste. Com isso, a rede se torna um espaço “público” em que os ativistas podem se manifestar, otimizando o impacto de suas ideias. (COTTA, 2014, p.04).

Canais que seguem um viés político dentro do nicho LGBT ainda são poucos, mas tem crescido bastante o número de vlogs que são protagonizados por algum representante da sigla, mas o caso do Canal das Bee é interessante porque ele se propõe ao debate e traz discussões importantes para a sociedade em prol do ativismo LGBT, pois se utiliza de uma linguagem jovem, de igual para igual, sem “firulas” para tratar de assuntos atuais. Tal contexto, contribui para que, em pouco tempo, o canal tenha se tornado referência quando o assunto é LGBT no Youtube.

Tomando o espaço da cibercultura como um ambiente de ativismo e integração de grupos e principalmente o Youtube, podemos perceber que:

As vozes que se somam no ciberespaço representam grupos identificados com causas e comprometimentos comuns, a partir da diversidade de campos de interesse (educação, saúde, direitos humanos e trabalhistas, cidadania, minorias e etnias, meio ambiente, ecologia, desenvolvimento sustentável, defesa do consumidor, cooperativismo, habitação, economia popular, reforma agrária, Aids, sexualidade, crianças e adolescentes, religiões, combate à fome, emprego, comunicação e informação, arte e cultura), de metodologias de atuação (movimentos autônomos ou redes), de horizontes estratégicos (curto, médio e longo prazos) e de raios de abrangência (internacional, nacional, regional ou local). (MORAES, 2001, p.01).

A abertura de espaços no meio virtual, para dar vozes aos grupos que são invisibilizados pela mídia, torna a possibilidade de pertencimento e, conseqüentemente, de união e mobilização muito mais forte do que sem a existência desses locais. Portanto, por mais que a internet não alcance 100% dos lares brasileiros, não se pode negar sua

influência crescente em nosso cotidiano. Com a popularização da internet e do Youtube, as mídias sociais se tornaram:

[...]ferramentas de colaboração instantâneas e gratuitas, torna-se possível promover espaços de debate e construção coletiva, onde modelos de coordenação pública descentralizada podem criar soluções inovadoras para as questões apresentadas pelo século XXI, dentre elas a diminuição do preconceito e o combate à homofobia. (COTTA, 2014, p. 05)

Dentro desse contexto, o objeto de estudo se encontra em uma área da comunicação que está cada dia mais presente em nossas vidas: a Internet. Esse meio nos proporciona um amplo espaço para o conhecimento, entretenimento e com isso, o ativismo desenvolvido pelo Canal das Bee faz a junção desses dois elementos.

#### **4. O ciberativismo do Canal das Bee**

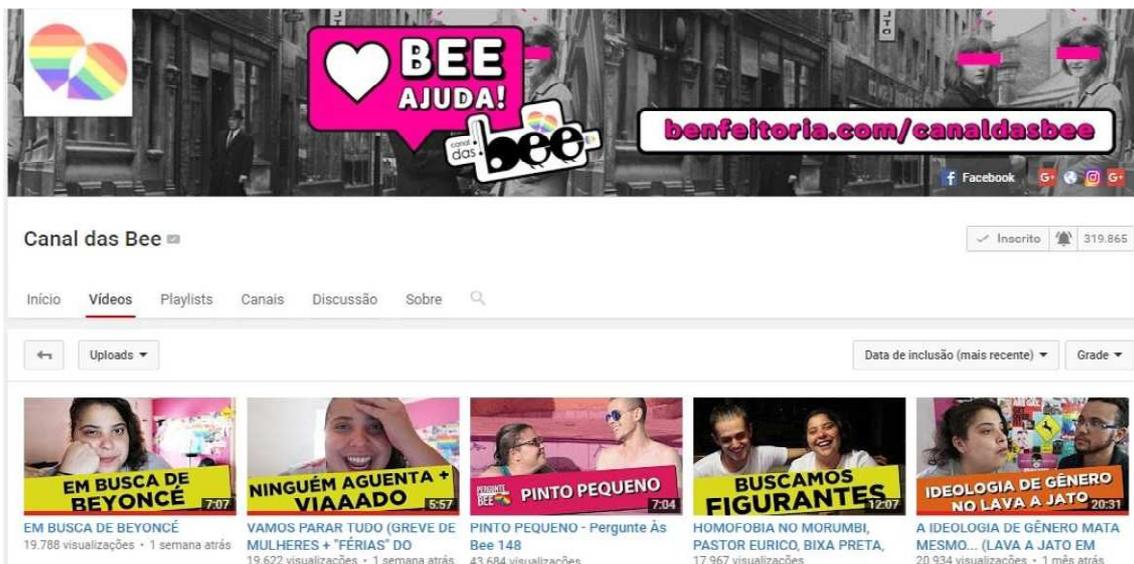
Surgiu como um projeto de pesquisa, desenvolvido pela estudante de Comunicação e Multimeios da PUC – São Paulo, Jéssica Tauane contou com a ajuda de voluntários e amigos para a realização do projeto. Em sua pesquisa, a estudante relata que a iniciativa de criação do canal foi devido a um ataque homofóbico:

Tomamos como base um ataque que aconteceu com pai e filho, onde o pai perdeu uma orelha por estar abraçado ao filho e assim ser confundido como um homossexual em uma festa, a questão é muito mais preocupante do que se pode imaginar, e portanto a iniciativa de lutar em prol dos direitos LGBT e contra a homofobia. (SOUSA, 2012, p.12)

Atualmente possui milhões de visualizações e mais de 330 mil inscritos. O canal é um dos principais representantes da comunidade LGBT no Youtube, uma das vozes ativas contra o preconceito na plataforma. No ano de seu lançamento ganhou o prêmio revelação da Content Talent Show e em 2015 foi eleito pelo Youpix como um dos canais mais influentes da internet.

O primeiro vídeo foi ao ar no dia 20 de Agosto de 2012 e de um jeito descontraído e ao mesmo tempo sério, trata os temas que envolve as minorias de forma simples e esclarecedora.

Figura 1 - Imagem inicial do Canal das Bee



Fonte: Print Screen da página de vídeos do canal no Youtube

A equipe do Canal das Bee é formado pela Jéssica Tauane, Fernanda Arraes, Cecília Pompeia, Herbert Castro e contam sempre com a participação de outros ativistas dentro do contexto das minorias, sejam elas feministas, do movimento negro, gays, lésbicas, travestis, transexuais, transgêneros e outros grupos que estão na luta por seus direitos.

Os vídeos exibidos atualmente são divididos nos seguintes quadros: Pergunte às Bee, Bee Fun, Bee Viaja, Bee Comenta e Alinhando Expectativas. Com uma linguagem jovem e informativa, e principalmente, respeitando as diferenças, o canal se sobressai aos demais, pois abre espaço e voz para que os segmentos marginalizados possam desconstruir os valores heteronormativos dentro do meio LGBT e principalmente fora dele até porque o canal pode ser visto por qualquer um.

No vídeo Não Basta Só Ter Orgulho – Pergunte às Bee, Jéssica e Herbert conversam com o público acerca da importância de criar coletivos e se organizar em prol de conseguir a representatividade e sobretudo lutar por direitos. Durante o vídeo Herbert comenta:

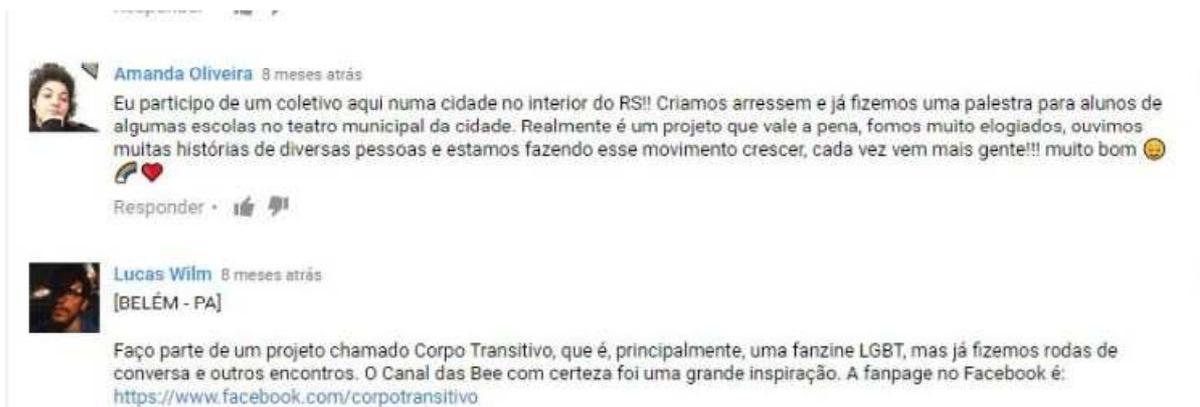
Eu acho que o ponto é criar coletivos, comunidades LGBTs que representem esses grupos pouco a pouco nas cidades do interior e é isso. Porque assim, o trabalho que a gente realiza no canal atinge as pessoas através da internet e para aí, chegou um momento de vocês que assistem o canal começarem a trabalhar junto com a gente. (das BEE, 2016)

A partir dessa fala, podemos perceber que o conteúdo representado neste vlog pela Jéssica Tauane e por Herbert Castro, já reconhece a influência que exercem para a

mobilização que são capazes de realizar. “Procurem coletivos LGBTs na universidade que vocês estudam, na cidade onde vocês moram, se houver façam parte, vão nas reuniões, se envolva com esses coletivos e se não houver. Criem.”

Com isso, Jéssica enfatiza a importância da organização política e de ativismo entre os inscritos e convoca a todos e todas a participarem. O papo informal logo surte efeito através de comentários como da Amanda Oliveira e do Lucas Wilm que relatam as suas experiências a partir de coletivos que ambos fazem parte.

Figura 2 – Comentários do Vídeo: Não Basta só ter Orgulho – Pergunte às Bee 123



Fonte: Print Screen feito do comentário no vídeo -Youtube

O Youtube e a interação que as redes promovem possibilitam que após o vídeo você possa saber como a mensagem foi recebida por quem assistiu. A mobilização na rede ocorre de forma rápida e ágil e sua resposta pode ser vista em poucos segundos.

A partir da interação entre as pessoas, uma retroalimentação é ocasionada, tornando possível que qualquer usuário comente uma informação transmitida na rede e a envie de volta ao emissor. Sem esse processo, os movimentos ciberativistas seriam impossibilitados, pois baseiam-se na interação de pessoas em diversas partes do mundo através da Internet para a organização de mobilizações, disseminação de conteúdos e troca de ideias homogêneas. (DINIZ e CALEIROS, 2011, p.42)

A utilização do Youtube como espaço de propagação de ideias e ideais é uma realidade, a plataforma oferece ao internauta inúmeros espaços com os mais variados temas. Surge cada dia mais canais que abordam e são protagonizados por pessoas LGBTs se constituído um número cada vez maior de vídeos com a temática, alguns mais sérios e didáticos, outros nem tanto.

Figura 3 – Imagem da campanha #Proudtobe de 2017



Fonte: Print Screen - Youtube

Na plataforma, há um dia oficial para a publicação de vídeo relacionado com a temática LGBT, é o #PROUNDTOBE. Mas, se por um lado o Youtube oferece esse espaço, por outro, ele mesmo desfavorece quando se utiliza de uma ferramenta que restringe o conteúdo gay. Em março de 2017, a imprensa noticiou que o Youtube estava utilizando um filtro que restringia conteúdo relacionado a temática LGBT.

Boa parte desse conteúdo está relacionado aos vídeos de saída de armário. A empresa justificou o uso do modo restrito como sendo algo para ser utilizado pelos pais, escolas e instituições públicas. Ou seja, por instituições que deveriam discutir a temática. Falar sobre temas que envolva a sexualidade é sempre polêmico e cheios de tabus e preconceitos. As concessões públicas de rádio e TV pouco oferecem em se tratando de esclarecer a respeito disso.

E a internet ainda é um local que mesmo com algumas restrições oferece mais espaço para o diálogo e o debate. Unir pensamentos, dialogar com as diferenças e promover o debate e a luta por direitos através do ciberativismo, é importante para a unificação da causa LGBT. Campanhas como as que o Canal das Bee promove reforça a ideia de pertencimento e de reconhecimento sobre o movimento LGBT.

#### **4.1 A Campanha Bee Ajuda**

Em Setembro de 2016, o Canal das Bee promoveu a campanha Bee Ajuda que tinha como objetivo ajudar aos jovens LGBTs de todo o país que vivem em conflitos com sua sexualidade, que sofrem abuso, bullying, violência, pensam em suicídio, entre outras situações que mereçam atenção especial.

A meta estabelecida era de arrecadar R\$120 mil para oferecer atendimento psicológico gratuito a esses jovens. Com o objetivo alcançado, os integrantes do canal pretendiam remunerar o psicólogo Bruno Bueno por um ano para realizar esse acolhimento. A campanha também tinha como objetivo a produção de um curta dirigido por Fernanda Soares, que integra o canal, contando histórias de mulheres que amam mulheres.

O ponta-pé inicial da campanha se deu através do vídeo “Bee Ajuda – A Campanha” onde Jéssica e Herbert falavam a respeito de ativismo. A iniciativa de *crowdfunding*<sup>14</sup> foi hospedado no site Benfeitoria com doações que começavam a partir de R\$10, e assim como toda iniciativa dessa natureza, quem contribui, além de ajudar, também recebe algo em troca. No primeiro vídeo, lançado em 13 de setembro de 2016, Jéssica faz um relato acerca de como o canal funciona e como agem no âmbito do ativismo. Ela argumenta:

Tudo que a gente faz neste canal é para conversar com esse jovem, a gente tenta ser didático, a gente tenta conscientizar, a gente tenta mostrar a importância política desse jovem e principalmente a gente mostra que está aqui para conversar com ele caso ele precise de ajuda. (das BEE, 2016)

Partindo dessa fala, podemos perceber como se dá o funcionamento da campanha e a dinâmica adotada nos vídeos, a linguagem direta de jovem para jovem. O Canal das Bee não é um grande canal no Youtube, entretanto, ele é de nicho, e o engajamento do seu público vem surtindo efeito nas campanhas que o mesmo promove.

No segundo vídeo “Bee Ajuda, Acolhimento!” foi apresentado como se daria o processo de acolhimento psicológico proposto pela campanha. A psicóloga Ana Beatriz voluntária do canal e o psicólogo e militante do movimento LGBT, Bruno Bueno, explicam como se daria o acolhimento, ele explana acerca sobre o projeto “é muito importante esse trabalho que o Canal está desenvolvendo porque foi um trabalho que eu precisei quando estava me descobrindo e não tive.”.

Em seguida, Ana vai descrevendo alguns dos casos que chegaram pelo e-mail no decorrer desses desses quatro anos de canal. No vídeo eles afirmam que fazem o acompanhamento inicial e buscam contato com psicólogos locais da cidade de origem da pessoa, que por sua vez entra em contato para dar o prosseguimento no acompanhamento caso necessário.

Para a campanha, o acolhimento se dá da seguinte maneira: Bruno (psicólogo) vai receber o e-mail, conversar com o jovem que está precisando de ajuda e aí ele vai encaminhar para um profissional local, mas nem todos vão precisar de um encaminhamento, já que pela conversa e trocas de e-mail já vai poder auxiliar.

---

<sup>14</sup> Consiste na obtenção de capital para iniciativas de interesse coletivo através da agregação de múltiplas fontes de financiamento, em geral pessoas físicas interessadas na iniciativa.

No terceiro vídeo “Bee Ajuda – O Filme!” Fernanda Soares, outra integrante do canal relata como se dará a meta 2 do financiamento, que será um curta metragem dirigido por ela que contará a história de mulheres que amam mulheres.

No quarto vídeo “Bee Ajuda – Financiamento!” Débora Baldin, que contribuiu durante alguns anos com o canal, declara:

A gente chegou num ponto que a demanda dos e-mails que a gente recebia estava insustentável, ou a gente achava uma forma de solucionar o problema. [...] é bom lembrar que trabalhamos com direitos humanos e nossa intenção com a campanha é dar as condições humanas de trabalho para uma pessoa dar conta da demanda, a gente já trabalhou com voluntários nesta questão e é uma demanda absurda para a pessoa e a gente não quer explorar e nem precarizar o trabalho de ninguém, um dos objetivos da campanha é arrecadar fundos para dar condições dignas de trabalho para uma pessoa se dedicar integralmente a isso. (das BEE, 2016)

Os valores arrecadados dos projetos ficariam divididos da seguinte maneira: 4% para impostos, 6% fica com a Benfeitoria, que foi o site que hospedou a campanha, 7,2% para as recompensas, 49,68% do valor a primeira meta que é a contratação do psicólogo Bruno Bueno pelo período de um ano e 33,12% do valor total arrecadado ficaram para a produção do curta.

No quinto vídeo “Bee Ajuda – Recompensas!” Herbert Castro fala das recompensas que são entre eles: adesivos, ilustrações exclusivas, uma conversa via Skype com um dos integrantes do canal, ou dois integrantes ou até mesmo todos eles, o *link* do filme, fazer parte do elenco do filme, escolha de tema para o canal, a exemplo do Pergunte às Bee só com suas perguntas, palestra com a Jéssica para falar sobre diversidade na sua empresa e a que todos ganham o nome de agradecimento no final do filme.

No sexto vídeo “Bee Ajuda – O sonho!” mostra os bastidores da reunião de lançamento da campanha, (BEE, 2016) “a gente conseguiu fazer um projeto que a gente une entretenimento, audiovisual, cultura e dá risada, todo mundo trabalha em jornada dupla”, disse Jéssica Tauane durante o vídeo.

## 4.2 O Resultado da Campanha

A campanha começou no Youtube através do vlog no Canal das Bee, foram seis vídeos ao todo, que junto com as suas redes sociais propagaram a iniciativa. O site Benfeitoria foi a plataforma escolhida para a ação.

Figura 3 - Resultado da Campanha



Fonte: Benfeitoria

Foram 2.187 pessoas colaborando para que a campanha de *crowdfunding* batesse as suas duas metas de arrecadação e garantisse um acolhimento psicológico para jovens LGBT e um curta-metragem sobre um romance entre um casal de mulheres, gerando pauta para a representatividade dentro e fora das telas. O impacto social percebido fez da campanha o recorde de maior número de colaboradores em projetos de financiamento coletivo em 5 anos da Benfeitoria.

A duração da campanha foi dois meses arrecadando um valor maior do que a meta estabelecida, antes era de R\$80 mil e ao final conseguiram R\$131.875 mil. Parte desse valor veio através de empresas, como o Banco Bradesco. Através de campanhas como essa podemos ter uma noção do poder de engajamento exercido pelo canal que mobilizou seus seguidores e fez também repercutir na internet a campanha, o que ajudou na divulgação da mesma. Página do Facebook do Deputado Federal Jean Wyllys, da Youtuber Jout Jout, do Mídia Ninja, do Catraca Livre, M de Mulher da editora Abril e também a página da Revista Trip divulgaram a campanha Bee Ajuda.

Como podemos notar, a campanha não se restringiu ao espaço do Canal, mas expandiu para outras redes sociais, claro que aqueles com um viés pró-LGBT

assumidamente. A partir disso, podemos afirmar que o ciberativismo das Bee se consolida como um importante instrumento de aglutinação de pessoas em prol do movimento.

De acordo com Wonllinger (2016), “o Canal das Bee se consolida como um dos principais movimentos ciberativistas pró-LGBTs no Brasil”, considerando o êxito de suas campanhas, não é à toa que empresas tenham buscado este público, de olho principalmente no “Pink Money”. No canal já há vlogs de algumas empresas como a Netflix e a Chilli Beans, essas empresas já incluem em suas campanhas a diversidade, o que abre margem para que outras possam aderir também.

## **5. Considerações Finais**

Até o começo de abril, depois de cinco anos, o Canal das Bee já levou ao ar quase 400 vídeos, tendo em sua maioria conteúdos LGBTs e outros que abordem principalmente temáticas relacionadas aos movimentos sociais. Nascido a partir de uma proposta audiovisual para TCC, mas pouco a pouco se tornou um canal no Youtube de grande relevância para o movimento LGBT.

As campanhas bem sucedidas ajudam a firmar o nome do canal no cenário do ciberativismo LGBT. O “Bee Ajuda” fortalece o pensar coletivo da comunidade e ajuda a traçar novas perspectivas de se comunicar através da internet. O Youtube como plataforma de vídeos aparece como um grande incentivador do protagonismo do indivíduo, a partir do momento que qualquer um pode criar um canal. Sendo assim, é um ambiente propício a pluralidade de pensamentos.

A internet ainda não atinge todos os lares brasileiros e nem a toda população brasileira, mas é inevitável dizer que ela já influencia os meios de comunicação tradicionais, principalmente entre os jovens. Muitas das pautas e das personagens que circulam pela internet ganham cada dia mais espaço nos jornais, rádios e TVs. A contribuição da internet para coisas fúteis ou debates de temas sérios é cada vez mais uma realidade.

Um dos desafios do ciberativismo realizado pelo o Canal das Bee é produzir conteúdo de qualidade, tendo como base o educar e fomentar o debate sem que tenha que apelar para ganhar *views*. Os coletivos que são marginalizados e detêm pouco espaço na mídia, tem na internet um importante instrumento de apoio para propagar seu pensamento. O Youtube se torna um meio no qual há espaço para todos, e cada vez mais exerce uma influência, principalmente entre os jovens

## 6. Referências

BEE, Canal das. **Não Basta Só Ter Orgulho – Pergunte às Bee.** Youtube, 28 de junho de 2016. Disponível em < <https://www.youtube.com/watch?v=64h3FjDV1n8>> Acesso 10 de março de 2017.

\_\_\_\_\_, **Bee Ajuda – A Campanha.** Youtube, 13 de Setembro de 2016. Disponível em < <https://www.youtube.com/watch?v=SHkxAYVoXJ0&t=6s>> Acesso em 10 de março de 2017.

\_\_\_\_\_, **Bee Ajuda – Financiamento.** Youtube, 13 de setembro de 2016. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=BrVZQ1Joffk> > Acesso em 10 de março de 2017

BURGUES, Jean; GREEN, Joshua. **Youtube e a Revolução Digital:** como o maior fenômeno digital participativa transformou a mídia e a sociedade. São Paulo: Aleph, 2009.

COTTA, Diego de Souza. **Estratégias de Visibilidade LGBT:** Campanha Não Homofobia – Um estudo de Caso. Monografia (Graduação de Comunicação Social – habilitação em Jornalismo) – Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, Escola de Comunicação – ECO. Rio de Janeiro, 2009.

\_\_\_\_\_. **A rede sai do armário:** o ciberativismo do arco – íris. Trabalho apresentado no DT 5 – Rádio, Tv e Internet do XIX Congresso de Ciência e Comunicação na Região Sudeste, realizado em 22 a 24 de maio de 2014.

DE MORAES, Dênis. **O Ativismo Digital.** Artigo disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/moraes-denis-ativismo-digital.html>.> Acessado em 01 de março de 2016

DINIZ, Iara Gabriela Faleiro. CALEIRO, Maurício. **Web 2.0 e Ciberativismo:** O Poder das Redes na Difusão dos Movimentos Sociais. Cambiassu – Revista Científica do Departamento de Comunicação Social da Universidade Federal do Maranhão. São Luis – MA, Janeiro/Junho de 2011. Ano XIX. Nº8

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I:** A vontade de saber, tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J.A. Guilhon Albuquerque. 23ªed. Rio de Janeiro, Edições Graal, 2013.

LAMPIÃO DA ESQUINA. **Edição experimental,** Número zero. Rio de Janeiro, 1978 Disponível em <<http://www.grupodignidade.org.br/projetos/lampiao-da-esquina/>>

PEREIRA, M. E. **Psicologia social dos estereótipos**. São Paulo: EPU, 2002.

PÉRET, Flávia. **Imprensa gay no Brasil**. São Paulo: Publifolha. 2012.

**Relatório anual do grupo gay da Bahia**, Disponível em <  
<https://homofobiamata.files.wordpress.com/2017/01/relate3b3rio-2016-ps.pdf>>  
Acessado em 12 de fevereiro de 2017

SOUSA, Jessica Tauane. **Canal das Bee: o Youtube como Plataforma de Ativismo LGBT**. Memorial Descritivo apresentado para o Trabalho de Conclusão do Curso de Graduação de Comunicação e Multimeios da Pontifca Católica de São Paulo. Ano 2013.

WOLLINGER, Leonardo.Bertoldo.Wernen FILHA, Elza.Oliveira. de Aparecida. **O Ciberativismo LGBT: Uma análise do Canal das Bee na Articulação e Promoção do Diálogo entre os jovens**. Trabalho apresentado no IJ07 – Comunicação, Espaço e Cidadania do XVII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul realizado de 26 a 28 de maio de 2016.